



Interações comunicativas entre moradores de favelas mediadas no ciberespaço: um estudo de caso sobre o projeto Ocupar Espaços¹

Márcia Maria da Cruz²

Paula de Souza Kimo³

O artigo analisa como a convergência de novas tecnologias relaciona-se com a construção de identidades de moradores de favelas — grupo social sob o qual costumam recair olhares preconceituosos e estigmatizantes — resultando na inserção de novas *vozes* na *esfera pública*. A partir da experiência do projeto *Ocupar Espaço*, desenvolvido pela ong Oficina de Imagens em parceria com grupos culturais de dois dos principais conjuntos de favelas de Belo Horizonte (Aglomerado Serra e Aglomerado Santa Lúcia), pretendemos analisar como são construídas as *imagens* e *representações* sobre o morador de favela a partir de uma produção midiática compartilhada entre atores de diferentes grupos sociais. Realizado entre fevereiro a agosto de 2006, o projeto promoveu um processo criativo que resultou em circuitos audiovisuais interativos nos quais os moradores dos dois aglomerados trocaram informações de áudio e vídeo por meio da Internet. Para empreender a análise, pensamos a noção de “voz” tendo como referência às discussões feitas por Bakhtin, posteriormente trabalhadas por Mitra para pensar a utilização de dispositivos da internet para que grupos marginalizados dêem visibilidade a suas questões e demandas.

Palavras-chave: internet, favelas, estima social

1- Introdução

Ao longo dos poucos mais de cem anos do processo de favelização no Brasil, as representações desses espaços e de seus moradores têm sido aspecto de uma disputa simbólica constante. O que é uma favela? Quem são seus moradores? As respostas a essas perguntas pontuam as interações sociais entre os moradores de favelas e os não-moradores na instância da vida cotidiana, das relações de trabalho, nos momentos de sociabilidade e em todas as situações em que esses indivíduos se interagem. A construção dos sentidos sobre as favelas e sobre os moradores de favelas sempre foi atravessada por mediações dos

¹ Trabalho apresentado no GT Internet e Política do I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, ocorrido na Universidade Federal da Bahia – Salvador-BA, 2006. Gostaria de agradecer à minha orientadora a professora Rousiley Celi Moreira Maia por me apresentar o arcabouço teórico que embasa minha pesquisa, ao professor Wilson Gomes pelas objeções sempre instigantes, aos amigos do Aglomerado Santa Lúcia e Aglomerado da Serra. O presente trabalho foi realizado com o apoio do PROCAD/CAPES

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação e Sociabilidade da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em missão de estudos no Programa de Pós-Graduação Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro do grupo de pesquisa Mídia e Esfera Pública (EME). Bolsista da Capes.

³ Especialização *Latu Sensu* - Comunicação: Imagens e Culturas Midiáticas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

meios de comunicação: do cinema à TV, passando pelos jornais impressos e pela música. Pelo menos cinco diferentes discursos sobre a favela competem na esfera pública — entendida por Drysek (2004) como uma constelação de discursos. Os moradores de favelas sempre reivindicaram o direito de falarem por si e depositaram nesta ação parte fundamental para a formação de suas identidades. O direito à voz é metáfora recorrente entre os moradores de favelas que se engajam em projetos de intervenção social, principalmente os da área da cultura. Com a disseminação de um discurso das potencialidades da internet, a demanda de ter voz na esfera pública foi captada por organizações não-governamentais que decidiram utilizar dispositivos da internet para que as reivindicações dos moradores de favelas recebessem o enquadramento que não sugerissem uma leitura estigmatizante.

Neste artigo, vamos analisar uma dessas experiências: o projeto Ocupar Espaços, desenvolvido pela ong Oficina de Imagens. Como as novas tecnologias estão sendo utilizadas para apresentar diferentes discursos sobre o morador de favelas, quais representações têm emergido? Temos três hipóteses que pretendemos testar neste trabalho: 1) O site apresenta-se como alternativa aos meios de comunicação da grande mídia, logo pressupomos que nestes espaços haverá a construção de discursos que combatem os estereótipos ao morador de favela presentes nos discursos da chaga social, da violência/tráfico, da ausência e carência e do idílio. 2) O site se propõe a apresentar a “voz” dos moradores de favelas, logo, o morador de favelas aparecerá como protagonista na produção de informações nestes sites. 3) O site trabalha, de forma implícita ou explícita, com a identidade do morador de favela, logo emergirá a constante tensão entre o “nós” e o “outro” e esse espaço se constituirá, portanto, como um *lócus* para a formação do processo identitário. Neste trabalho estamos testando metodologicamente as hipóteses de nossa pesquisa mais ampliada que analisa também os sites da Central Única das Favelas, Viva Favela, Observatório de Favelas, Favela é Isso e Arautos do Gueto. Este artigo seguirá o seguinte percurso argumentativo: apresentação do projeto *Ocupar Espaços*, discussão da formação identitária dos moradores de favelas conjugada com as reflexões sobre a metáfora da voz e a teoria do reconhecimento, análise das falas que emergem nos vídeos produzidos e na interação mediada pela internet entre os moradores dos dois aglomerados.

2- Ocupar Espaços

O *Ocupar Espaços*⁴ é um projeto realizado pela ONG Oficina de Imagens - Comunicação e Educação, desde fevereiro de 2006. A ONG procurou desenvolver “um processo criativo” para a realização de “Circuitos Audiovisuais Interativos”, quando os moradores do Aglomerado Santa Lúcia e Aglomerado da Serra⁵ trocam informações em áudio e vídeo por meio da Internet. A ong para implementar o projeto estabeleceu parcerias com grupos que desenvolvem ações nas duas comunidades: no Aglomerado Santa Lúcia, o Projeto Memória, composto por representantes da Associação dos Universitários do Morro, Grupo do Beco e programa Conexões dos Saberes e o Criarte que reúne diversos grupos culturais do Aglomerado da Serra. O projeto contou com a participação dos moradores dos aglomerados em níveis de envolvimento diferenciados: a) os membros dos grupos parceiros participaram de oficinas de produção (áudio e vídeo), além de terem freqüentado as reuniões conceituais para a definição da proposta. Esse grupo tinha entre três e quatro representantes de cada um dos aglomerados; b) o outro nível de participação envolve moradores que fizeram as filmagens ou captaram as histórias em áudio e c) por fim, um grupo de moradores de quem se fez as imagens ou se coletou as entrevistas.

O *Ocupar Espaços* também se propôs a ampliar “o acesso das pessoas residentes em favelas às tecnologias digitais de informação e de comunicação, utilizadas como meio para a construção do processo de criação artística e intervenção estético-urbana”. A produção audiovisual é realizada, principalmente, por meio de atividades em que as pessoas – seja ela adulto, criança, jovem ou idoso – eram convidadas a registrar imagens da sua comunidade ou de outras.

4 O *Ocupar Espaços* surgiu de algumas discussões conceituais realizadas, em 2005, durante atividades de formação da equipe da Secretaria Multimeios, da Oficina de Imagens. Daí se originou a proposta de um projeto de fomento à experimentação audiovisual que promoveria momentos de arte, tecnologia e interação nas periferias, com o envolvimento dos moradores. A Oficina de Imagens traz a experiência com mídia jovem e produção de imagens com a periferia.

5 O Aglomerado Santa Lúcia e o Aglomerado da Serra são conjuntos de favelas localizados na região Centro-Sul de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, entre os bairros mais nobres da capital mineira. O Aglomerado Santa Lúcia é dividido em quatro “comunidades”: Vila Estrela, Vila Santa Rita de Cássia, Barragem Santa Lúcia e Vila Esperança. O Aglomerado da Serra é considerado o maior complexo de favelas de Belo Horizonte com uma população em torno de 130 mil habitantes. O aglomerado se divide em sete vilas situadas na encosta da Serra do Curral - Cafezal, Marçola, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, Novo São Lucas e Fazendinha.

Dentro do projeto também foi apresentada as “TV’s de Rua”, espaços para a exibição de vídeos para e sobre as comunidades, permitindo a apresentação e o intercâmbio de grupos culturais. Nas “TV’s de Rua”, as imagens foram projetadas em praças, ruas, paredes, muros e quadras das diversas vilas dos aglomerados. A programação foi constituída por vídeos feitos no *Ocupar Espaços*, por produções realizadas pelos próprios moradores ou por documentaristas que retrataram as comunidades.

A instalação do Ocupar Espaços aconteceu na noite do dia 26 de agosto na praça de esportes do Aglomerado Santa Lúcia e na praça Bela Vista, no Aglomerado da Serra, onde foi instalado o primeiro Circuito Audiovisual Interativo do projeto *Ocupar Espaços*. A estrutura para o evento contou com oito projeções de imagens divididas entre os espaços. Também foram montadas duas cabines de áudio em cada comunidade para reprodução dos sonemas (pequenas trilhas editadas a partir de histórias contadas por moradores das duas comunidades durante as oficinas de criação do projeto).

Dois computadores conectados à Internet permitiram a comunicação entre Aglomerado da Serra e Aglomerado Santa Lúcia. A imagem dos internautas foi projetada em um telão. O público também pode se interagir de outras formas. O Laboratório Gráfico para o Ensino de Arquitetura da UFMG (Lagear) desenvolveu um dispositivo onde a presença de uma pessoa frente à projeção movimentava a imagem projetada. Em outra tela, o público pode interagir com as imagens, interferindo com seu corpo e misturando-se às pessoas que estão no vídeo gravado, criando uma interação entre quem está naquele lugar no dia do Circuito e quem esteve no momento da gravação. Ainda foi disponibilizada uma área reservada para a exibição dos vídeos produzidos pelo grupo de criação do projeto junto aos moradores das duas comunidades nos últimos quatro meses. Toda essa produção está disponibilizada em um site na Web (<http://ocupar.org.br>), uma convergência da utilização dessas diferentes tecnologias da comunicação e informação. Em nosso trabalho, vamos analisar apenas os produtos que estão disponibilizados no site que se apresenta da seguinte forma:

Identidade cultural, criação coletiva, expressão artística e tecnologia digital aberta e livre fazem parte do projeto Ocupar Espaços cujo processo resulta na criação de Circuitos Audiovisuais Interativos, ambientes instalados em praças públicas com projeções de imagens, instalações sonoras e comunicação em tempo real via internet. A idéia é estabelecer processos de produção e difusão de informação para intercâmbios sócio-culturais entre grupos étnicos de diferentes comunidades.

O princípio é a constituição de estruturas autônomas para o exercício do direito universal de expressão e opinião, acesso a sociedade do conhecimento através das tecnologias digitais⁶.

As interações simultâneas entre os moradores dos dois aglomerados que ocorreram, no dia 26, durante a realização do evento nas duas praças públicas, diferentemente do que os organizadores esperavam, não trouxeram uma fala política sobre os espaços. Os moradores aproveitaram o momento para falar de amenidades e para conhecer pessoas novas. As conversas foram triviais muito próximas às conversas de *chats*. As conversas também não estão disponíveis no site. Por essa razão, vamos analisar, nesse artigo, os discursos que emergem nos vídeos produzidos durante o processo de criação nas oficinas que foram exibidos também no dia do evento. Os 15 vídeos que tratam de ações do cotidiano dos moradores desses dois aglomerados, com duração de 5 a 6 minutos, estão disponíveis no site. Optamos em analisar todos os discursos verbais dos vídeos e também uma entrevista feita com o coordenador de articulação do Criarte, Reinaldo Santana. Em grande parte dos vídeos, os moradores falaram espontaneamente sobre as questões que consideraram relevantes. O nosso próximo passo, neste artigo, será problematizar aspectos conceituais que nos fornecerão os indicadores para a análise, passo subsequente.

3- Identidade do morador de favela: o “nós” e os “outros”

O processo de formação identitário é fundamental para a luta por estima social, um dos três âmbitos analíticos da teoria do reconhecimento proposta por Axel Honneth (2003). Honneth utiliza três padrões de reconhecimento: o amor, a igualdade de direitos, a estima social. Quando o sujeito vive plenamente a experiência do amor, ele cria autoconfiança. A igualdade de direitos o possibilita o auto-respeito e a estima social, a auto-estima. Os três âmbitos propostos trazem, para teoria política, aspectos dos conflitos sociais que costumam ficar em segundo plano: as interações sociais cotidianas, regidas por aspectos morais e juízos de valores. A categorização nos serve para analisarmos a inserção dos moradores de favelas na sociedade, justamente, por colocar o foco na ausência dos sujeitos nos processos de inovações sociais como aspecto central da luta por estima social. A partir da perspectiva de Honneth (2003), podemos inferir que os problemas da ordem material e econômica que

⁶ Disponível em <<http://www.ocupar.org>>, acessado em 12 de outubro de 2006

atingem os moradores de favelas passam também e, sobretudo, por questões morais ligadas ao reconhecimento. Em nossa pesquisa, optamos por trabalhar apenas com o âmbito da estima social apesar da relevância dos outros dois âmbitos para se entender o processo de luta dos moradores de favelas por reconhecimento⁷.

A estima social encampa, entre outros aspectos, o direito de falar por si na coletividade. O “respeito social” salienta o “valor” de um indivíduo, na medida em que este se mede intersubjetivamente pelos critérios de relevância social (Honneth, 2003, p.184).

Como França (2002) destaca quando se fala em moradores de favelas “a discussão da identidade é, no mesmo movimento, a discussão da alteridade, da diferença marcada que se tenta estabelecer entre o “nós” e o “outro”. França (2002, p.27) nos aponta a dificuldade ontológica de definir os limites entre o “nós” e o “outro”, dado que são pares indissociáveis. Por isso, não estamos nos propondo a entrar no mérito dessa diferenciação, pois estaríamos impossibilitados de apresentar essas delimitações. Não há como explicá-los separadamente e nem estabelecer relações de causalidade entre eles. No entanto, freqüentemente, o “nós” e o “outro” passam a ser categorias definidas tendo como referência apenas localizações geográficas do cidadão: morador do morro e morador do asfalto, morador da cidade formal e morador da favela. Muitas vezes, a diferença é utilizada pelos movimentos sociais como forma de denunciar situações de injustiça ou de violação de direitos nas favelas. Essa diferenciação pode criar pólos extremos caracterizados por entendimentos equivocados. Em um dos extremos, a diferenciação é utilizada para apresentar a favela como o não-lugar e o morador de favela com um outro de quem se faz questão de se diferenciar. No outro extremo, o esforço de mostrar que esses espaços da cidade se apresentam de modo desigual pode-se criar uma divisão que só reforça o preconceito entre os moradores e os não-moradores de favelas, pois pode ocorrer uma espécie de guetificação.

França (2002), no entanto, chama a atenção para o processo que está por trás da tensão entre esse par:

⁷ A nossa opção pelo âmbito da estima social deve-se à dificuldade de operar metodologicamente com os outros dois âmbitos na análise de sites.

A “fala do outro” – a questão da alteridade – aparece quando ele toma para si o papel de construir seu próprio lugar de representação. A fala do outro é o discurso da diferença; é a fala que, abandonando as representações sob as quais foi construído, coloca em xeque o próprio sistema de representação e os critérios de inclusão e exclusão (de construção do “nós” e do “outro”). Ela desvela ou inaugura um *outro lugar* – e ao fazer isto, mexe com a própria estrutura e com o jogo dos posicionamentos. (FRANÇA, 2002, p.42)

A perspectiva apontada por França revela o potencial político da formação da identidade, aspecto pelo qual buscamos entender melhor como essa relação entre identidade e transformação social se estabelece. A fala do outro sobre “nós” e sobre eles próprios é fundamental para que os sujeitos pensem as representações tanto sobre “nós” como sobre o “outro”. Trata-se de um processo dinâmico, em que os valores e os juízos morais estão sempre em tensão nas interações lingüísticas. A teoria do reconhecimento, em nossa avaliação, nos ajuda a aprofundar nessa questão à medida que apresenta indicativos para entendermos como a formação de identidades está relacionada com as mudanças sociais.

Na perspectiva de Honneth, a justiça social e o bem-estar podem ser medidos em uma sociedade a partir da possibilidade e condições que essa sociedade cria para que os indivíduos desenvolvam sua identidade plenamente. Nesse sentido, a emancipação dos indivíduos se apresenta como fundamental para se reduzir as assimetrias e a exclusão. Interessa-nos particularmente na perspectiva de reconhecimento de Honneth a dimensão da identidade como algo em constante construção, levando-se sempre em conta a *auto-realização* referenciada no reconhecimento recíproco e mútuo. A perspectiva defendida por Honneth fica mais clara quando confrontada com Mead.

As reflexões empreendidas por Mead sobre os processos de socialização são fundamentais para se entender o conceito de identidade, aspecto central no conceito de reconhecimento. Honneth busca principalmente na formação do *Self*, categoria analítica apontada por Mead, elementos para entender a formação identitária diretamente relacionada à constituição da sociedade. Adotamos em nosso trabalho, a dimensão relacional da identidade (FRANÇA et. Al, 2002, p. 8) que está no mesmo espectro em que Honneth insere o conceito. As identidades são formadas “no contexto das interações sociais, como parte do processo de experiências e atividades sociais de cada indivíduo” (idem, p. 9).

A identidade⁸ se constrói a partir da experiência de reconhecimento intersubjetivo nos diversos processos de interação social mediados pelo uso da linguagem. França e et. al apontam alguns aspectos centrais sobre a discussão de identidade:

- a identidade diz respeito ao compartilhamento de características e traços, bem como um certo nível de percepção e consciência, por parte dos membros do grupo, deste compartilhamento; ou seja, a identidade refere-se a um terreno e um legado comum, bem como ao processo cognitivo de percepção e interpretação daquilo que nos unifica;

- a identidade se realiza discursivamente: a imagem de si mesmo (bem como a imagem do outro) se constrói através de discursos que atualizam símbolos de fundação e reúnem os traços unificadores, de forma a reforçar, nessa prática, a inclusão dos iguais e a convivência com o outro;

- por último, vale ressaltar, também, a pretensão totalizadora e homogeneizante do discurso da identidade: ele unifica às custas da imagem da diversidade e em contraponto à diferença (e aos diferentes). (FRANÇA et. Al, 2002, p.11)

Nesse sentido, a identidade nunca é algo acabado; ao contrário, ela é um processo de construção cotidiana, flutuante, discursivo e sempre referenciado no outro. Como Mead nos aponta a identidade é resultado das constantes interações entre diferentes *Selves*⁹.

Em nosso entendimento, a palavra-chave no texto de Mead na qual Honneth se ampara para construir o elo com a teoria hegeliana é a intersubjetividade. Honneth deixa claro que para haver as lutas sociais, os indivíduos precisam compartilhar esta insatisfação no coletivo.

A 'luta por reconhecimento' toma seu ponto de partida de idéias morais em que personalidades dotadas de carisma souberam ampliar 'o outro generalizado' de

⁸ Honneth aponta que "a formação prática da identidade pode ser entendida ainda como uma versão da teoria do reconhecimento do jovem Hegel, precisada nos termos da psicologia social" (2003, p. 138).

⁹ O *Self* pressupõe duas instâncias da personalidade humana: o "Me" (*me*) e o "Eu" (*I*), chaves conceituais criadas por Mead para entender a constituição social sem cair na dicotomia entre sujeito e sociedade. Conforme pontua Honneth, o "Eu" é marcado pela espontaneidade prática e a porção que reage às atitudes da comunidade e ao mesmo tempo é "o receptáculo de todos os impulsos internos que se expressam nas reações involuntárias aos desafios sociais" (HONNETH, 2003, p.140). O "Me" é a instância da auto-relação cognitiva, a força inconsciente. É a porção que "hospeda as normas sociais através das quais o sujeito controla seu comportamento em conformidade com as expectativas sociais" (Idem). O "Me" representa no processo de interação as experiências subjetivas, mas está sempre se referenciando no outro. "É a imagem cognitiva que o sujeito recebe de si mesmo, tão logo aprenda a perceber-se da perspectiva de uma segunda pessoa" (HONNETH, 2003, p.133). A identidade é constituída a partir de um "reservatório de energias psíquicas" do Eu em diálogo com a sociedade, em um processo que dá ao indivíduo singularidade, sem, no entanto deixar de considerar neste a dependência do outro para que aquela se apresente. O Eu está em tensão direta com o "Me". Logo, a identidade é sempre fruto de tensões e conflitos entre singularidade do indivíduo (representado por aspectos psíquicos) e elementos culturais do contexto no qual está imerso. No entanto, esse conflito não se faz entre indivíduo e sociedade, uma vez que a noção de *Self* deixa claro que estamos sempre dialogando com outros *Selves* a partir das interações com os indivíduos. A identidade aparece como a força criativa do "Eu".

seu meio social, de um modo que estava em concordância com as expectativas intuitivas dos contemporâneos; assim que essas inovações intelectuais puderam influir sobre a consciência de grupos maiores, procedeu daí uma luta por reconhecimento de pretensões jurídicas, que acabou colocando em questão a ordem institucionalizada. (HONNETH, 2003, p. 145)

Honneth chama de reconhecimento a relação de reciprocidade entre os indivíduos que se apresenta a partir da autonomia de cada um deles, levando-se em conta a relevância de aspectos de singularidade de cada indivíduo para a inovação social. Na teoria do reconhecimento, Honneth nos mostra que quanto melhor são as condições para que o sujeito desenvolva plenamente sua identidade, mais democrática será essa sociedade e, conseqüentemente, maior poderá ser a participação dos sujeitos nos processos de inovação social.

É importante entendermos que o fortalecimento da identidade não representa um isolamento dos sujeitos, muito pelo contrário, as identidades são construídas sempre em diálogo com o outro nas interações cotidianas. Guimarães (2002, p.22) chama atenção para o aspecto político da construção discursiva em torno das imagens sobre a “favela” e o “favelado”. Os moradores de favelas conformam identidades a partir do confronto com os atributos concedidos às favelas que são apropriadas “simbolicamente em contraste e em confronto com os outros espaços da cidade e as formas de vida que esta abriga” (idem). A *capacidade de enunciação* reconfigura a experiência, pois conforme nos aponta Guimarães (2002, p. 23), “a relação entre os modos do fazer, os modos de ser e os modos de dizer são que definem a organização sensível da comunidade, as relações entre os espaços e as relações desse fazer entre os sujeitos”.

Sob essa perspectiva, as diferentes falas em torno do significado do termo “favelado”, para além de uma defesa contra a discriminação ou de uma querela sobre o conteúdo da linguagem, concernem à situação dos seres falantes que reivindicam um mundo comum que ainda não existe, isto é, um mundo comum que deve, a partir de agora, incluir aqueles que dele estavam excluídos, pois estes não eram contemplados pelos termos da linguagem comum que até então distribuía o que cabia a uns e a outros. (GUIMARÃES, 2002, p.23)

Guimarães aponta no sentido que a construção de um “mundo” em que as exclusões sejam superadas é necessária, digamos, uma ação discursiva sobre a realidade. No campo da teoria política, os autores vêm pensando essa ação discursiva sobre o “mundo”. Trata-se da perspectiva que entende que as mudanças ocorrem pela deliberação, ou seja, pelo

diálogo entre diferentes argumentos e entendimentos sobre uma determinada realidade. O parâmetro deliberativo para a configuração de uma democracia nos parece fundamental para pensarmos o conceito de estima social, do qual estaremos tratando especificamente na seção que se segue.

4 - A Estima Social: o direito de falar por si

No modelo de democracia deliberativa, a participação se efetiva pela argumentação pública de razões e posicionamentos sobre questões de interesse coletivo. Dryzek (2004) apresenta a deliberação como o embate entre diferentes discursos que são “modos compartilhados de se compreender o mundo incrustado na linguagem”.

Partimos de uma premissa que os processos comunicativos são fundamentais para que os cidadãos participem da transformação social. Isso porque tais processos podem conferir aos moradores de favelas, atores sociais historicamente excluídos das decisões públicas, um lugar no centro dos debates ligados à esfera pública. A esfera pública configura-se como o domínio social da circulação das idéias, o *locus* da política deliberativa.

a legitimidade pode ser buscada na ressonância de decisões coletivas junto à opinião pública, definida em termos de um resultado provisório da competição de discursos na esfera pública conforme transmitido ao Estado ou outras autoridades (como as transnacionais). (DRYSEK, 2004, p.58)

Para Drysek, as políticas públicas e outras transformações sociais que não passam necessariamente pelo campo da política institucional são sempre atravessadas pelos debates na esfera pública. Para ele, a esfera pública caracteriza-se por uma *constelação de discursos*¹⁰.

¹⁰ Um dos grandes dilemas dos estudos sobre democracia deliberativa é como efetivamente todos os cidadãos podem participar dos processos de debate. Drysek apresenta uma importante contribuição para resolver esse dilema. Não podemos pensar os discursos associados diretamente a sujeitos e grupos. É necessário um entendimento mais fino da questão: “O próprio Habermas agora fala de uma “comunicação sem sujeito” [*subjectless communication*] dispersada que gera a opinião pública. De forma semelhante, Benhabib fala de uma “conversação pública anônima” [*anonymous public conversation*] em “redes e associações de deliberação, contestação e argumentação entrelaçadas e sobrepostas [*interlocking and overlapping*]” (DRYSEK, p.48)

Consideramos relevante pensarmos a *competição discursiva* na esfera pública para entendermos o processo de favelização no Brasil. Para Drysek (2004) “o discurso pode ser definido em termos não-habermasianos como um modo compartilhado de se compreender o mundo incrustado na linguagem”.

Um discurso sempre apresentará determinadas assunções, juízos, discordâncias, predisposições e aptidões. Estes termos comuns significam que os aderentes a um dado discurso serão capazes de reconhecer e processar estímulos sensoriais em histórias ou relatos coerentes, os quais, por seu turno, podem ser compartilhados de uma maneira intersubjetivamente significativa. Conseqüentemente, qualquer discurso terá em seu centro um enredo, o qual pode envolver opiniões tanto sobre fatos como valores. (DRYSEK, 2004, p.49).

A estima social é justamente a possibilidade de os sujeitos se inserirem nesta “constelação de discursos”. Em um mundo significado pela linguagem, a organização dos entendimentos sobre a realidade é feita sob a forma de discursos, uma das principais vias de intervenção e transformação da realidade. Mas para se alcançar essa participação, os sujeitos precisam ser estimados socialmente. A estima social, no entanto, não é algo dado, mas se insere em diferentes processos históricos e se verifica nas situações em que o sujeito consegue desenvolver amplamente sua autonomia individual e política.

A estima social está relacionada com a garantia dos direitos dos cidadãos, mas não podemos fazer a associação direta de implementação dos direitos e estima social. Os dois âmbitos se relacionam, mas não de forma linear. Honneth nos mostra que a estima social representa mais que o reconhecimento, no sentido estrito do termo, dos sujeitos. Não se trata de ser reconhecido pelo outro, a estima social pressupõe um processo de construção compartilhada de quadros de valores sociais. Os sujeitos que gozam da estima social principalmente cooperam na implementação de valores culturalmente definidos. Nesse contexto de cooperação no âmbito da vida social, os membros de uma coletividade agem de forma a garantir objetivos comuns, ou seja, o reconhecimento neste âmbito possibilita ao sujeito participar de *comunidades de valores* em que os sujeitos são co-autores na construção simbólica no contexto social. É relevante, no entanto, pensarmos que as *comunidades de valores* ultrapassam as delimitações geográficas das favelas, pois são orientadas pelos entendimentos e juízos de valores que os sujeitos apresentam sobre uma determinada questão.

Honneth, no entanto, chama a atenção para a relação proporcionalmente direta entre o grau de pluralidade de valores de uma sociedade e o aumento da estima social. Quanto maior for a pluralidade maior será o ambiente para que os sujeitos exerçam sua autonomia, criando relações horizontais entre eles.

Seu alcance (da estima social) social e a medida de sua simetria dependem então do grau de pluralização do horizonte de valores socialmente definido, tanto quanto do caráter dos ideais de personalidade aí destacados. Quanto mais as concepções dos objetivos éticos se abrem a diversos valores e quanto mais a ordenação hierárquica cede a uma concorrência horizontal, tanto mais a estima social assumirá um traço individualizante e criará relações simétricas. (HONNETH, 2003, p. 200)

Em outras palavras, Honneth está propondo que o número mais variado de opiniões dos mais diferentes sujeitos possa ser levado em conta nos contextos coletivos. Para que o sujeito possa desenvolver auto-estima, ele precisa ser visto com um membro relevante da coletividade. Nesse sentido, as reflexões de Honneth possibilitam-nos diversas leituras sobre o processo de favelização. Desde quando as favelas começaram a serem entendidas como um problema social e seus moradores como sujeitos desajustados dos padrões morais da sociedade, há iniciativas no sentido de contrapor esses entendimentos.

A busca pela estima social proporciona aos moradores de favelas a construção de identidades, tendo a individuação como pressuposto para a autonomia dos sujeitos. Isso reforça a necessidade de o morador de favela ser chamado socialmente para falar, por exemplo, sobre o destino do local onde ele vive. A luta por reconhecimento dos moradores de favela caracteriza-se justamente pela possibilidade de a partir da experiência vivida desses sujeitos serem construídos entendimentos mais amplos sobre a favela. A inclusão discursiva dos moradores de favelas permite que eles passem a ser encarados como capazes de falarem por si como qualquer outro cidadão. É uma forma de desestabilizar a imagem do morador de favela como um indivíduo que precisa ser tutelado.

A auto-estima está para a estima social assim como a autoconfiança está para o âmbito do amor e ao auto-respeito moral para o âmbito do reconhecimento jurídico. Quando há um ataque a auto-estima por meio de degradação e ofensas incorre-se em uma ameaça à dignidade dos sujeitos e, conseqüentemente, ao seu valor social. Ao contrário,

quando os sujeitos são reconhecidos em sua autonomia constituem-se *relações sociais de estima simétrica: solidariedade*.

Por 'solidariedade' pode-se entender, numa primeira aproximação, uma espécie de relação interativa em que os sujeitos tomam interesse reciprocamente por seus modos distintos de vida, já que eles se estimam entre si de maneira simétrica (HONNETH, 2003, p.209)

A simetria apontada por Honneth está na possibilidade de todos os sujeitos experienciarem sua autonomia:

Que o termo "simétrico" não possa significar aqui estimar-se mutuamente na mesma medida é o que resulta de imediato da abertura exegética fundamental de todos os horizontes sociais de valores: é simplesmente inimaginável um objetivo coletivo que pudesse ser fixado em si de modo quantitativo, de sorte que permitisse uma comparação exata do valor das diversas contribuições; pelo contrário, "simétrico" significa que todo sujeito recebe a chance, sem gradações coletivas, de experienciar a si mesmo, em suas próprias realizações e capacidades, como valioso para a sociedade. (HONNETH, 2003, p. 211)

A possibilidade de os sujeitos viverem em plenitude sua autonomia é condição para que tenhamos uma sociedade com uma maior pluralidade de valores. Os julgamentos morais atribuídos aos sujeitos que moram nas favelas relacionam-se com os processos de formação de identidade desses. Seja refutando ou reafirmando, ampliando ou simplificando os julgamentos feitos sobre eles, os moradores de favelas significam ou ressignificam os entendimentos e julgamentos compartilhados na sociedade. Os julgamentos sobre os moradores de favelas podem ser percebidos em interações face a face nas relações cotidianas e também podem ser apresentados no espaço de visibilidade midiática que, conforme Maia (2006), "constitui-se como uma 'arena', ou um 'palco', em que vários grupos sociais e instituições competem sobre a definição e a construção de sentidos a respeito de questões-chave da vida pública". A auto-estima, portanto, também está relacionada às possibilidades de os sujeitos terem suas opiniões levadas em conta no espaço de visibilidade midiática, julgadas e colocadas à prova nessa arena. Maia alerta que, no entanto:

A oportunidade de falar não garante efetividade sobre aquilo que se diz. Para avaliar a qualidade democrática dos debates, torna-se fundamental ir além e indagar acerca dos graus de reciprocidade e responsividade, de reflexividade e revisibilidade das opiniões e dos argumentos apresentados pelos interlocutores. Os

desdobramentos dos debates — os pesos relativos e a ressonância cultural de certos discursos junto ao público — compõem um processo complexo. (MAIA, 2006)

Conforme Maia nos mostra, o falar por si depende de outros aspectos relacionados à ética do discurso: é necessário assumir a responsabilidade pelas falas, estar aberto para se fazer contrapontos e também a possibilidade de se alterar a posição inicial no discurso. Também é fundamental pensar que a fala estará inserida em *comunidades de valores*, em que haverá em maior o menor grau a *ressonância cultural* de certos discursos.

Levando-se em conta a ressalva, entendemos que a estima social responde a todas essas necessidades. Nesse sentido, a luta por estima social configura-se como um importante processo imbricado na formação de identidades do morador de favela e, por sua vez, a construção identitária está diretamente relacionada à possibilidade de dialogar com as representações que *os media* produzem sobre eles. Apropriando-se de forma ampliada do conceito de estima social proposto por Honneth, consideramos que, então, também a possibilidade de falar por si nos espaços de visibilidade midiática é fundamental no processo de reconhecimento do morador de favela. A construção desses entendimentos sobre o morador de favela é um forte indicativo de estima social. No processo de construção de entendimentos sobre a favela identificamos cinco diferentes tipos de discursos sobre esses espaços e seus moradores:

O *Discurso da violência e do tráfico* – O crime e o tráfico ganham uma supervalorização nessa perspectiva de forma que as favelas são vistas apenas como o lugar da desordem. Esse discurso, em alguma medida, alimenta visões estereotipadas que relacionam o morador da favela sempre ao crime e à ilegalidade. O crime e o tráfico aparecem como tendo a tutela dos moradores. As favelas são apresentadas como zonas de guerra, em que há toque de recolher e que os não-moradores de favelas não são bem-vindos.

O *Discurso da chaga social* – As favelas são apresentadas como um problema social, urbanisticamente confusas, um desvio de rota arquitetônico. Um mal que atinge o conjunto da cidade que deve ser eliminado, resolvido, para que se restabeleça a normalidade da cidade. Nessa perspectiva, emerge a preocupação das favelas avançando sobre as cidades, sobre os bairros. A favela é apresentada como elemento de desvalorização imobiliária, algo totalmente inaceitável arquitetonicamente.

O Discurso da falta e da carência - as favelas são os locais da falta, da carência. É o espaço da ilegalidade, um território sem lei em que tudo é possível. São espaços em que os moradores não pagam impostos, onde ocorre o crescimento desordenado. Faltam boas escolas, os moradores não são escolarizados. Há carência econômica, as pessoas estão desempregadas, vivem abaixo da linha da miséria. É o local que necessita de intervenções sociais. É o local da carência por excelência. Se a pessoa é moradora de favela, logo é carente.

O Discurso do idílio – A favela é apresentada de forma romantizada; aparece como o espaço da solidariedade. Nos espaços de favelas, a relação entre os moradores é mais próxima, as pessoas se conhecem e se ajudam. As favelas são vistas como locais onde há um grande nível de mobilização dos grupos sociais. No cinema encontramos filmes em que as representações das favelas são apresentadas de forma romantizada. Essas representações têm como referência produção artística cultural em torno dos sambas e da vivência nos morros. A arte, a cultura popular, o carnaval e o samba, aparecem como a saída e alternativa à miséria.

O Discurso da diversidade – nessa perspectiva, as favelas aparecem como espaço diversificado culturalmente, economicamente e socialmente. Elas também são apontadas como um espaço singular, criativo, onde são empreendidas ações para inovações. As saídas para os problemas das favelas viriam da interação entre diferentes atores sociais. A música ao longo dos cerca de cem anos do processo de favelização no Brasil tem sido um importante médium para que os moradores de favelas façam uma reflexão sobre esse lugar social.

5- Vozes da favela

A busca por estima social ocupa papel relevante entre as reivindicações de moradores de favelas. O direito de falar por si, de ser reconhecido como cidadão, de não ser visto como um sujeito de segunda classe norteia a ação dos movimentos sociais que debatem o processo de favelização. As experiências dos moradores na elaboração de produtos de comunicação — jornais comunitários, programas em rádios livres — sempre

revelam a importância do direito de falarem por si. A primeira iniciativa que se tem notícia data de 1935 com a edição do jornal *A Voz do Morro*, editado pela escola de samba Estação Primeira de Mangueira, depois temos diversos exemplos: Rádio Favela que se apresenta como a “voz da favela”, o jornalzinho de um grupo cultural no Aglomerado Santa Lúcia (Morro Informa), as músicas de Hip Hop, nas quais os rappers se apresentam como a voz da periferia, entre outros exemplos.

É certo que, no processo de luta por estima social, ter direito a voz é fundamental. Mas efetivamente como se constituem as vozes dos moradores de favelas? O que significa o direito à voz? É importante ampliarmos nosso entendimento sobre o que seria a voz na esfera pública. Não se trata apenas do ato de falar. Ter voz é expressar um lugar social, conforme destaca Bakhtin. As “vozes sociais e históricas” são as palavras e as formas que povoam a linguagem.

Para nossa pesquisa, a metáfora da voz é fundamental para entendermos como os moradores de favelas se manifestam no ciberespaço. Para caracterizar o que estamos considerando como vozes, buscamos referência em Bakhtin¹¹. Vivendo no período de efervescência da produção marxista, Bakhtin, a partir da filosofia da linguagem, mostra que a palavra é “a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios”. Se a palavra é a arena, a fala e o discurso são o próprio processo onde se instauram as disputas. As vozes surgem, portanto, como resultado do que Bakhtin chama de condição de sentido do discurso, o *dialogismo*. O dialogismo mostra a interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário.

Em outros termos, concebe-se o dialogismo como espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro, no texto. Explicam-se as frequentes referências que faz Bakhtin ao papel do “outro” na constituição do sentido ou sua insistência em afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz. (BARROS, 1999, p.3)

Portanto, a palavra nunca é pura ou unívoca, pois traz a “voz do outro”. Quando um grupo social se torna porta-voz de seu próprio discurso traz em sua fala, a fala de outrem sobre ele próprio. A fala traz em si todo o conflito que se instaura

¹¹ Bakhtin empreende uma análise sobre a filosofia da linguagem a partir da literatura, mas as suas reflexões sobre o uso da linguagem tem sido referência principalmente para a análise crítica do discurso e também para os estudos sobre identidade.

em torno de uma determinada questão e de várias formas responde, refuta, compara, referencia-se nas falas de outrem. Na concepção de Bakhtin, as vozes são atravessadas pela intertextualidade, ou seja, sempre os sujeitos estão fazendo referência a outros textos. O uso da linguagem é dialógico e traz em si o conjunto de relações entre diferentes vozes. Partimos, portanto, da premissa que não há *vozes* puras, mas que, ao contrário elas são polifônicas. As vozes são sociais:

Em todos os domínios da vida e da criação ideológica, nossa fala contém em abundância palavras de outrem, transmitidas com todos os graus variáveis de precisão e imparcialidade. Quanto mais intensa, diferenciada e elevada for a vida social de uma coletividade falante, tanto mais a palavra do outro, o enunciado do outro como objeto de uma comunicação interessada, de uma exegese, de uma discussão, de uma apreciação, e uma refutação, de um reforço, de um desenvolvimento posterior, etc., tem peso específico maior em todos os objetos do discurso.(BAKHTIN, 1998, p.139)

Pietikäinen e Dufva (2006) trabalham a metáfora da voz como fundamental para entendermos os processos de formação de identidade.

As formas individuais de falar são caracterizadas pela *multi-voicedness*, ou polifonia e a presença de muitas vozes podem ser constituintes de nossas identidades. (...) A *multi-voicedness* pode ser compreendida como uma metáfora que descreve a presença de diferentes perspectivas, ou vozes em uma realidade dada. (PIETIKÄINEN e DUFVA, 2006, p.210)

Mitra (2001), além de fazer a relação entre a metáfora da voz e os processos de identidade, procura identificar como essa relação se intensifica a partir da mediação no ciberespaço. Segundo Mitra, os dispositivos da Internet possibilitam a inter-relação dos processos de *construção identitária*, a formação de *comunidades* e a emissão de *vozes* de grupos marginalizados. A possibilidade de os sujeitos falarem por si e de se identificarem em comunidades. Há sempre uma disputa entre o discurso estabelecido sobre uma determinada questão e um discurso provocador e crítico. Essa tensão de posições e ideologias manifesta-se no discurso. Mitra propõe que a apropriação da linguagem juntamente com dispositivos tecnológicos permite a grupos *subordinados* falarem por si. A possibilidade de os usuários responderem às mensagens, a interatividade, faz com que a emissão de vozes na Internet seja um diferencial em relação a outras mídias.

A tensão entre vozes é algo particularmente significativa no caso da Internet. A Internet tem tornado essa tensão palpável porque a fala do outro é acessível para um grande número de pessoas subordinadas, onde eles agora podem emitir seus

persuasivos discursos e esperam entrar em diálogo com o dominante no ciberespaço interconectado. (MITRA, 2001, p.32)

Um discurso persuasivo pode alcançar uma “audiência global” tendo em vista que rede mundial de computadores conecta usuários de todas as partes do mundo. Mitra conclui que, enquanto na *mídia tradicional*, constrói-se um discurso sobre o outro, na Internet, grupos marginalizados não só podem falar por si, mas como podem esperar respostas de seus interlocutores. Essa emissão difusa da informação, na avaliação de Mitra, potencializa a tensão intrínseca do discurso. A tensão entre o “eu” e o “tu” que confere o caráter dialógico da fala extrapola para as interações verbais entre os sujeitos. Mitra defende que as diversas vias que podem ser criadas nas interações comunicativas no ciberespaço intensificam o *dialogismo* entre as diferentes falas dos sujeitos.

Essa conceituação da tensão entre vozes torna-se particularmente significativo no caso da Internet. A Internet tem feito esta tensão palpável porque a formulação (*call*) do outro é acessível para um grande número de pessoas subordinadas onde eles podem agora expressar (*voice*) seu discurso persuasivo individual e esperar entrar em diálogo com o dominante no interconectado ciberespaço. (MITRA, 2001, p.32)

Mitra aponta seis aspectos que evidenciam a emissão de vozes de grupos marginalizados na Internet: a) contribuições individuais, os sujeitos falando por si, de modo a criar uma voz coletiva; b) os assuntos referentes aos grupos marginalizados podem ser tratados em sites específicos, como também podem estar em outros fóruns, sites e portais de assuntos variados; c) a organização da informação sobre a forma de links e hipertextos possibilita a formação de uma rede de vozes, descentrada; d) o ciberespaço possibilita desvincular a relação entre poder e regiões geográficas. Não é mais necessário estar em um centro de poder para que a argumentação seja levada em conta; e) os dispositivos da Internet ultrapassam as barreiras de tempo e espaço, sendo possível alcançar um público diferido e difuso e f) As vozes não estão organizadas, são o conjunto de *vozes* de diferentes usuários.

6 – Os processos identitários no ciberespaço

Para empreender a análise procuramos definir indicadores analíticos que pudessem traduzir os conceitos de estima social. Criamos um quadro analítico dividido

em duas partes. Na primeira parte, procuramos caracterizar o texto analisado, identificando o tipo de texto (artigo, crônica, relato, depoimento), o formato (vídeo, áudio), a autoria (se o texto é assinado - nome do autor e identificação do mesmo e qual a relação a pessoa tem com a favela. Na segunda parte, estabelecemos quatro níveis da análise que se relacionam entre si:

- a) Discurso. O discurso reforça ou contrapõe os discursos — chaga social, tráfico e violência, idílio, falta/carência, diversidade. Nas falas, há uma referência explícita ou implícita a esses discursos.
- b) Identidade x Alteridade. Procuramos identificar as marcas textuais da relação “nós” e “outro”. Se há uma ação explícita para delinear uma identidade nos textos. Se não, qual identidade emerge.
- c) Estima Social. Nos textos quem são os moradores de favelas, sobre o que falam e como aparece o “falar por si”.
- d) Vozes. Identificar as marcas da polifonia (aspectos q mostrem outras vozes/discursos sobre a favela e o morador de favelas).

No site, o usuário encontra os vídeos dispostos em uma galeria na horizontal a partir de cenas congeladas. Ao clicar sobre o vídeo, aparece a sinopse do documentário. No site, há um *blog* que se constitui como um espaço para interatividade — mas que não tem sido efetivamente utilizado pelos usuários. A maior parte dos vídeos foi feita tendo a participação de pelo menos um morador de um dos dois aglomerados e de um não-morador. As filmagens também foram feitas dessa forma. A parte técnica das edições das imagens foi conduzida por não-moradores, acompanhados de um morador que opinava sobre o conteúdo a ser apresentado. Os vídeos foram disponibilizados na internet no endereço (<http://www.ocupar.org.br>), um site produzido por um *webdesigner* que não é morador.

Dentro da perspectiva comunitarista¹², os meios de comunicação para atenderem aos interesses da coletividade devem ser dirigidos e administrados pelos grupos comunitários.

¹² Dahlberg (2001) mapeia o que ele considera os três campos proeminentes na internet nos Estados Unidos: o comunitarismo, o individualismo liberal, deliberacionismo. Essas perspectivas diferenciam-se entre si pelo entendimento de democracia e legitimidade democrática que cada uma tem sobre a democracia. Na Internet, o autor conseguiu mapear sites inspirados por um ou por outros desses campos. No campo do comunitarismo, uma mídia interativa é celebrada por trazer os ideais comunitaristas. Ao contrário dos “mass mídia”, as mídias

Essa perspectiva, por exemplo, inspirou grande parte da ação do movimento de rádios comunitárias no Brasil. Somente com a apropriação dos meios de comunicação – da administração e da produção – as informações poderiam ser produzidas de forma coerente. No projeto “Ocupar Espaços”, tanto os suportes tecnológicos, como a técnica de produção dos vídeos e a apresentação dos conteúdos na Web são de responsabilidade dos profissionais da ONG, em geral, formada por profissionais da área de comunicação. Começou-se a esboçar uma participação mais efetiva dos moradores neste campo pelo fato de alguns moradores de favelas que participaram de forma mais constante de todo o processo de criação e produção dos circuitos audiovisuais estarem começando cursos nesta área da comunicação.

A idéia de pertencimento a uma determinada comunidade é bastante evidente na fala dos moradores de favelas. Aliás, o termo “comunidade” é utilizado de forma recorrente. Também é pontuada a necessidade de a comunidade se ver:

*“A exibição instaura um processo no qual a comunidade pode se enxergar.”
(Reinaldo Santana- morador do Aglomerado Serra)*

No vídeo Assalto de Imagens, antes de ligar o REC da sua câmera, Dona Maria, moradora do Aglomerado Santa Lúcia, solicita um espaço: “pode falar?”, questiona ela. Dona Maria fala de si, explicita a atuação social e os laços que estabelece na comunidade

Agora 5 horas eu sou muito participativa das coisas que eu faço, todo mundo gosta de mim nas reuniões da comunidade (Dona Maria, Moradora da Barragem Santa Lúcia)

Ao mesmo tempo em que por parte de alguns moradores – Dona Maria e Reinaldo - há um desejo de se pensar o Aglomerado como comunidade, para os moradores que não estão diretamente ligados a grupos ou associações há uma certa dubiedade quanto a esse pertencimento como vemos na fala de Chiquito:

“Eu moro no bairro São Pedro. Antigamente, era Morro do Papagaio. Agora é Vila Santa Rita de Cássia, Alto São Pedro.”(Chiquito – morador do Aglomerado Santa Lúcia)

alternativas oferecem mão-dupla, descentralização da comunicação necessária para construir as comunidades. Os comunitaristas defendem a necessidade de se colocar a propriedade e administração dos meios nas mãos das pessoas. No Brasil, o comunitarismo toma outras feições, mas ainda sim, percebemos que a discussão gira em torno da propriedade dos meios.

Os discursos sobre a favela feitos pelos próprios moradores são fortemente marcados pelo discurso de outros sobre a favela. Algumas falas explicitamente contrapõem-se ao discurso do tráfico e da violência:

“É, também, um processo para que nós mesmos estejamos tirando um pouco daquela energia negativa que um espaço tem em relação ao outro: o pessoal da Serra sempre fala que a Barragem Santa Lúcia é perigosa e o pessoal da Barragem sempre diz o contrário. Então, quando a gente traz essa troca, quando um de lá, da Barragem, vem aqui, ou um de cá, da Serra, vai lá, a gente vê que não há diferença. É a mesma coisa: não tem nada de perigoso, são preconceitos criados dentro das próprias comunidades. Tem uma frase que fala que o preconceito que assola a própria comunidade é o mesmo que traz o coquetel da maldade. É aquele que, às vezes você tem e, por isso, não vai conferir, e, quando você consegue ir e se libertar dessa resistência, vê que não tinha nada daquilo que pensava. Aí você vê que é a mesma coisa e que o que eles também estão precisando é de articulação entre eles e entre nós, porque vivemos a mesma situação, o mesmo cotidiano”(Reinaldo Santana – morador do Aglomerado Serra)

A fala de Reinaldo mostra como o discurso da violência marca a avaliação dos moradores dos dois aglomerados. Ele coloca que, embora os moradores dos dois aglomerados vivam realidades semelhantes, muitas vezes, eles vêm o outro aglomerado como o “outro”, o lugar do perigo. Embora ambos sejam moradores de favelas eles não se vêm como um “nós”. O preconceito é trazido para a comunidade por agentes externos, da mesma forma que outros males (*coquetel da maldade*). A idéia da diferença entre os aglomerados também é explicitada em outras fala que também reforça as semelhanças entre os espaços:

“Podemos um dia ir à Serra, na comunidade de lá. Tem muitas diferenças, mas tem muitas semelhanças. É importante as pessoas de outras comunidades visitar a gente e a gente visitar as pessoas de outras comunidades. Fazer esse intercâmbio entre as classes sócias e classes de qualquer gênero”. (Pantera – morador do Aglomerado Santa Lúcia)

Capoeirista, Pantera vê na prática da capoeira um fator para reforçar o que ele chama de “identidade cultural” do morador de favelas. Ele não fala explicitamente em identidade cultural do morador de favelas, mas como ele é instrutor de capoeira para jovens e adultos do Aglomerado Santa Lúcia isso está pressuposto no seu discurso:

Como tive oportunidade de aprender quero passar a capoeira para as pessoas. Resgatar a identidade cultural das pessoas. A capoeira consegue fazer você ter uma autoconfiança. Conhecer, descobrir sua origem e gostar disso, da sua descendência e suas raízes. (Pantera – morador do Aglomerado Santa Lúcia)

Normalmente, o esporte é apontado como alternativa para os problemas relacionados à violência e ao tráfico nas favelas. Esse diálogo com o discurso da violência e do tráfico é observado, implicitamente, na fala de Éder Rufino:

“É um incentivo para os meninos da periferia praticar esportes, praticar tae kwo do , jiu jitsu. É um mini-evento esportivo para a comunidade do Cafezal.” (Éder Rufino – morador do Aglomerado Serra)

Mais uma vez o discurso do tráfico e da violência marca a fala do morador que pede para falar sobre a comunidade enquanto filma os becos, as ruas e as pessoas no Aglomerado da Serra:

“Tô aqui tranqüilo na minha quebrada, aqui na Serra. Lugar tranqüilo. O melhor lugar em Belo Horizonte que se tem para viver. Tamo na quebrada, filmando aí. No Café. Filmando aí. Tudo pela ordem, trocando uma idéia, pá. Os meninos subindo na quebrada aí. Humildação, sangue bom” (morador do Aglomerado Serra).

A intenção de fazer um contraponto ao discurso do tráfico e da violência sobre o Aglomerado da Serra é bastante evidente. O aglomerado que é apontado como sendo um dos mais violentos de Belo Horizonte, na fala do morador, aparece como um lugar tranqüilo que faz questão de não falar dos aspectos negativos da comunidade, ressaltando que lá é o melhor local para se viver na cidade. Percebemos marcas do discurso do idílio que destaca os aspectos romaneados em relação às favelas. Com a oportunidade de ter a câmera nas mãos, o morador produz um discurso positivo sobre o local onde mora. Também faz questão de ressaltar as qualidades dos jovens que está filmando com dois adjetivos: “humildações” e “sangue bom”. A interpretação dessa fala segue no sentido que ele deseja apresentar para as pessoas que vão ver a fita que os jovens moradores de favela são pessoas do bem, de boa índole. É claramente uma resposta aos discursos que colocam o jovem de favela como potenciais bandidos. Em outras falas, também se vê a clara intenção de se mostrar orgulho por morar no aglomerado:

Favela nossa *quebrada*, periferia. A *quebrada* que eu fui vestido de palhaço¹³.

¹³ Ele está fazendo referência à participação da festa do Dia das Crianças, que acontece anualmente no Aglomerado Santa Lúcia. Nestas ocasiões, ele costuma se vestir de palhaço para brincar com as crianças.

Favela é mil brau, né mano? Tem que filmar a favela. (Doidão – morador do Aglomerado Santa Lúcia)

“Doidão” ao usar a câmera de vídeo e tomar a fala e a possibilidade de filmar para si expressa-se com orgulho sobre a favela. No vídeo, ele clama pela voz da periferia e se dirige à periferia. Ele fala para *os manos*, para a comunidade. A sua fala indica um descontentamento em relação a pouca veiculação de informações sobre a favela: “tem que filmar a favela”. O orgulho de ser morador do Aglomerado também é reforçado na fala do DJ Rei:

Tenho 25 anos, sou natural de Belo Horizonte. Vou sobrevivendo até hoje como muitas pessoas sobrevivem, em um mundo que tem diversão, lazer, drogas e muita criminalidade. Eu sou um DJ, tenho um som. Minha vida praticamente é aqui dentro dessa comunidade. Eu me orgulho bastante de trabalhar aqui. Tenho que passar as coisas que aprendi na convivência na favela. Desejo de coração que Deus possa estar iluminando os nossos caminhos para que eu possa fazer a felicidade da comunidade. Uma das coisas que mais me orgulham. (DJ Rei – morador do Aglomerado Santa Lúcia)

O sentimento de pertencimento a uma comunidade, a demarcação da identidade a partir desse lugar é tensionada no momento em que os moradores dos dois aglomerados passaram a pensar as semelhanças e diferenças entre esses dois espaços: ambos favelas de Belo Horizonte, mas com suas particularidades. Ao longo das favelas o “nós” e o “outro” foi sendo demarcado não só entre moradores de favelas e não-moradores, mas também entre moradores de favelas de diferentes aglomerados.

No vídeo que mostra a visita da de Dona Maria — moradora do Aglomerado Santa Lúcia — ao Aglomerado da Serra, a todo o momento ela faz uso das comparações para entender a organização daquele espaço que para ela era uma favela, mas bem distinta da favela onde ela mora. No início de sua fala emerge a idéia de que só o Aglomerado Santa Lúcia é uma favela. Ao final da visita, ela reconhece o outro aglomerado ao falar “nossa favela”.

*Aqui parece é..
Posto de saúde não é dentro da favela, êe sabe que num é né, a igreja tem dentro da favela. Igreja católica tem dentro da favela, deve ter evangélica também. Mas outras coisas que tem aqui, não têm dentro da favela, na nossa Barragem não tem supermercado, tem né... Mas não tem assim loja de mercado, sacolão não tem, tem banca de verdura... (Dona Maria, moradora do Aglomerado Santa Lúcia)*

A demarcação da diferença entre o morador de favela e não-morador aparece na fala de um morador anônimo:

Toda riqueza que está construída lá em baixo, foi o povo daqui que fez, morar no morro te exclui de muita coisa, mas é isso aí, a gente luta contra isso, um dia a gente chega lá, essa é a comunidade que eu vivo. (Morador 2)

A fala sugere de forma implícita que as carências da favela, apresentando marcas do discurso da falta. Nas falas dos moradores que tiveram um envolvimento com o projeto durante as filmagens, não tendo participado dos momentos de formação e momentos reflexivos sobre o processo de produção, emergem alguns temas como recorrentes: todos se identificam enquanto moradores de determinado local. O local onde se mora é o primeiro aspecto que apresentam ao se identificarem. A maior parte das falas associa o aglomerado a uma comunidade da qual fazem parte. De forma geral, as falas implícita ou explicitamente, respondem ao discurso do tráfico e da violência, contrapondo-o e também mostrando orgulho em ser morador das favelas. Outro aspecto que emerge em algumas falas é a necessidade de se repassar as vivências das favelas e as tradições (capoeira). Já na fala de Reinaldo Santana, que participou efetivamente do processo de se pensar o projeto, emerge uma fala mais articulada sobre a representação do morador de favela, como podemos conferir na entrevista do jovem publicada no site:

“Uma das coisas que chamou muito a atenção foi a autovalorização da comunidade e a importância das pessoas se verem. Quando você grava uma imagem aqui e depois vê o que foi registrado, vê pessoas que você conhece, isso tudo move a comunidade na direção de sua valorização” (Reinaldo Santana-morador do Aglomerado Serra).

“A intenção era justamente essa: tinha um momento, o do “assalto de imagens”, em que os moradores se envolviam na produção. Eles pegavam a câmera e filmavam, com o olhar deles, o que eles queriam dentro da comunidade, às vezes contavam uma história ou falavam do trabalho que estavam desenvolvendo... Então a comunidade acaba se valorizando, querendo mostrar o que existe de positivo dentro dela.”(Reinaldo Santana – morador do Aglomerado Serra)

Não há uma elaboração discursiva por parte dos moradores que tiveram um envolvimento menor com o projeto. Não há propriamente um discurso sobre o que é ser favelado e morar na favela. Ao contrário da fala de Reinaldo Santana cuja fala é mais elaborada, procurando mostrar a favela e seus moradores de forma não-homogênea. Mas

mesmo quando não se há uma intenção explícita de apresentar um discurso sobre a favela, a tensão entre o “nós” e o “outro” emerge nas falas. Os moradores de favelas sempre estão às voltas com o fato de morarem em um local com essa determinada condição.

7- Considerações finais

No site analisado confirmamos a nossa primeira hipótese. Embora as falas nem sempre se organizem em forma de um discurso articulado, estrategicamente construído, elas demonstram que as interações comunicativas mediadas no site procuram contrapor os estereótipos sobre o morador de favelas. No entanto, percebemos que o discurso que emerge das falas dos moradores ainda está muito marcado pelos discursos dominantes sobre a favela — do tráfico e da violência, em grande parte, e alguns delas relacionam-se aos discursos da carência e do idílio.

A nossa segunda hipótese é que os moradores de favelas aparecem como protagonista na produção do site. De fato a propriedade e a apropriação dos meios de comunicação são fundamentais para os processos de democratização. No caso analisado, houve uma grande participação dos moradores, mas eles ainda não são os proprietários dos meios nem dominam as técnicas. Apesar disso, identificamos uma produção compartilhada de informações que descortina uma terceira possibilidade para a significação do mundo: um olhar novo que não é um olhar apenas do morador nem tão pouco é o olhar do não-morador. É um olhar que passa pelo crivo da constante tensão em torno do “nós” e do “outro” — um processo dinâmico de formação identitária para os moradores de favelas — como mostrou nossa análise — e que por inferência acreditamos que também tenha sido para os não-moradores envolvidos no projeto. Tão importantes quanto os moradores de favelas estarem à frente da produção de conteúdo e da informação são os discursos que podem ser produzidos sobre eles.

A nossa terceira hipótese se confirma uma vez que o site – como de resto todo o processo de construção dos circuitos audiovisuais — se apresenta como lócus de uma construção identitária. O desejo de falar por si mostra-nos como há uma urgência para essa parcela da população de estima social. Na perspectiva da teoria do reconhecimento, o próprio processo de o morador está sendo considerado em suas colocações e poder de

alguma forma apresentar-se como cidadão autônomo configura um movimento positivo que gera transformações e inovações sociais. O exercício de se expressar para a coletividade em si é um momento para que as pessoas possam organizar suas identidades. Não emerge das falas nenhum discurso pronto, pré-acabado ou determinado sobre o morador de favelas, o que de um lado aponta no sentido da construção discursiva desses moradores sobre si mesmos e de outro mostra o quanto o discurso que se faz sobre eles ainda estabelece a forma como estes se posicionam discursivamente sobre si mesmos no mundo.

8 - Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2000, p.328-357. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira.

BAKHTIN, M. M.; LAHUD, Michel; VIEIRA, Yara Frateschi. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método na ciência da linguagem. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981. 196p

BAKHTIN, M. M; BERNADINI, Aurora Fornoni. Questões de literatura e de estética: (a teoria do romance). 4. ed. São Paulo: Ed. da Unesp: Hucitec, 1998. 439p

BARROS, Diana Luz Pessoa. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa e FIORIN, José Luiz (orgs). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade em torno de Bakhtin*. Ed. Edusp, 1993. p 1-9

DAHLBERG, L. 2001 Democracy via cyberspace. *New Media & Society*, 3(2), p.157–177.

_____. 2001 The Internet and Democratic Discourse. Exploring the prospects of online deliberative forums extending the public sphere. *Information, Communication & Society* 4:4 2001 615–633

DRYSEK, John S. Legitimidade e economia na democracia deliberativa. In: COELHO, Vera Schattan e NOBRE, Marcos (Org). *Participação e Deliberação – Teoria democrática e experiências institucionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

FRANÇA, Vera. Discurso de identidade, discurso de alteridade: a fala do outro. In: In: FRANÇA, Vera, VAZ, Paulo Bernardo, SILVA, Regina Helena, GUIMARÃES, César. *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GOMES, W. S. Internet e participação política em sociedades democráticas. *Revista da FAMECOS*, Porto Alegre, v. 27, p. 58-78, 2005.

GUIMARÃES, César. A imagem e o mundo singular da comunidade. In: FRANÇA, Vera, VAZ, Paulo Bernardo, SILVA, Regina Helena, GUIMARÃES, César. *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *O "Espaço Público", 30 anos depois*. Caderno de Filosofia e Ciências Humanas. Ano 7, n 12, abril 1999.

_____. *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1984.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo. 2003

MAIA, R. C. M. . Redes Cívicas e Internet: Do ambiente informativo denso às condições da deliberação. In: José Eisemberg; Marcos Cepik. (Org.). *Internet e Política: Teoria e prática da democracia eletrônica*. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, v. 1, p. 10-37.

_____. *Deliberação e Mídia. In: Democracia e Mídia: Dimensões da Deliberação*. Belo Horizonte: Editora Brasiliense, 2006 (no prelo)

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. *Da Esfera cultural à esfera política: a representação de grupos de sexualidade estigmatizada nas telenovelas e a luta por reconhecimento*. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais. 2003

MITRA, Ananda. Marginal voices in cyberspace. *New Media & Society*. 2001

_____. Voices of the Marginalized on the Internet: Examples From a Website for Women of South Asia. *Journal of Communication*. September 2004

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Movimentos sociais e interação comunicativa: a formação da comunicação sem sujeito. *Contemporânea. Revista de Comunicação e Cultura. Salvador*, V.4. N.1, p.73 -98, junho 2006.

PALCZEWSKI, Catherine Helen. Cyber-movments, New Social Movements and Counterpublics. In: ASEN, Robert e BROUWER, Daniel C. *Couterpublics and the state*. New York: State University of New York Press, 2001.

PIETIKÄINEN, Sari e DUFVA, Hannele. Voices in discourses: dialogism, critical discourse analysis and ethnic identity. *Journal of Sociolinguistic*10/2.2006 pp 205- 224

ROCHA, Simone Maria. . Debate público e identidades coletivas: a representação de moradores de favela na produção cultural da televisão brasileira. *InTexto*, v. 14, p. 4, 2006.

